Comportamento antissocial em crianças e adolescentes: uma revisão de estudos teóricos

Ana Priscila Batista
Departamento de Psicologia – UNICENTRO
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFPR

O comportamento antissocial é considerado um dos principais problemas na infância e adolescência, precursor do desenvolvimento de comportamentos inadequados. Vários termos foram utilizados para descrevê-lo, cada um com uma história associada. Esse trabalho realizou uma revisão de literatura sobre estudos teóricos de comportamento antissocial, e termos associados, em crianças e adolescentes. Os critérios para a seleção dos artigos foram: textos completos; em português, inglês ou espanhol; publicados a partir de 2000; nas bases de dados *scielo, lilacs* e *pepsic*; referentes à infância e/ou adolescência; sendo excluídos artigos relacionados a instrumentos e os repetidos. Foram selecionados e analisados 27 artigos. Muitos dos trabalhos utilizaram conceitos distintos para eventos e comportamentos semelhantes. Os resultados e conclusões são diversos e uma grande parte relata fatores de risco em que a criança é exposta, sendo que ambientes familiares adversos, práticas parentais negativas e à violência doméstica, foram os mais citados. Conclui-se que tal temática vem sendo bastante explorada, com a utilização de diversos termos e a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Em concordância com a conclusão de vários artigos, percebe-se a necessidade de propostas de prevenção, embasadas no conhecimento das variáveis relacionadas, para o pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes.
Palavras-chave: infância, comportamento antissocial, problemas de comportamento.

O comportamento antissocial é considerado um dos principais problemas na infância, tido como o precursor do processo de desenvolvimento de comportamentos inadequados que ocorrem mais tarde como, por exemplo, abuso de drogas, delinqüência, criminalidade e existência marginal na idade adulta (PATTERSON; REID; DISHION, 1992; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2009).

Patterson, Reid e Dishion (1992) utilizam o termo antissocial, enfatizando a descrição do que seja um evento antissocial em lugar de pessoa antissocial. Assim, definem eventos antissociais como sendo aversivos e contingentes. Os autores, por meio de avaliações retrospectivas, sugeriram uma seqüência padronizada de efeitos que parecem se repetir em muitos casos. A hipótese principal é que o treinamento básico para padrões de comportamentos antissociais têm lugar na família. A falha dos pais em administrar confrontos disciplinares permite o aumento da troca coercitiva entre a criança e os outros membros da família. A criança alvo descobre que comportamentos aversivos como choramingar, chorar, gritar, bater ou ter acessos de raiva são eficazes. Quando entra na escola, a criança não é capaz de se relacionar com os colegas e desenvolver um mínimo de habilidades acadêmicas. O fracasso escolar recorrente e a rejeição pelos pais, professores e colegas, induzem essas crianças a buscar colegas com comportamentos semelhantes. Estudos longitudinais indicam consistentemente uma existência marginal na idade adulta.

Sabe-se que as dificuldades relacionadas ao comportamento antissocial podem ter conseqüências desfavoráveis para um desenvolvimento saudável. Segundo Silvares (2001), essas crianças podem apresentar déficits comportamentais em diversas habilidades. Para Del Prette e Del Prette (2009), essas crianças são encaminhadas para atendimento com uma freqüência maior porque são mais difíceis de serem ignoradas e pelo fato de suas dificuldades interpessoais sinalizarem problemas mais sérios no futuro. Uma multiplicidade de fatores interage e potencializa efeitos negativos a curto, médio e longo prazo, em uma trajetória de risco. Pode ocorrer rejeição dos colegas, pais e professores, indisciplina e baixo rendimento escolar a curto prazo. A médio e longo prazos, esses comportamentos podem aumentar a probabilidade de fracasso escolar, evasão, delinqüência, drogadicção, criminalidade e maiores taxas de doenças e morte.

Para compreender o comportamento antissocial, é preciso considerar o contexto em que tal comportamento foi aprendido e se insere. Parece haver consenso entre diversos autores (PATTERSON; REID; DISHION, 1992; TERZIAN; FRASER, 2005; EISENBRAUN, 2007) de que esses comportamentos da criança estão relacionados aos contextos, sendo que esses podem se configurar como fatores de risco para o desenvolvimento infantil. Segundo Pacheco, Alvarenga, Reppold, Piccinini e Hutz (2005), a literatura revela que indicadores precoces do comportamento antissocial têm sido detectados nos primeiros anos da infância. Além disto, devido à manutenção das características do ambiente social do indivíduo, esses comportamentos tendem a persistir e a se agravar ao longo do desenvolvimento, podendo consolidar-se na vida adulta.

Também é importante mencionar que não há um consenso entre autores acerca de conceitos utilizados para se referir a manifestações comportamentais semelhantes. Vários termos já foram utilizados para descrever crianças com comportamento antissocial: desvio de conduta, hiperativa e agressiva e estão entre eles, sendo que cada termo tem uma história associada com seu uso (PATTERSON; REID; DISHION, 1992; REPPOLD; PACHECO; BARDAGI; HUTZ, 2002). Pacheco, Alvarenga, Reppold, Piccinini e Hutz (2005), em um estudo sobre a descrição e discussão do conceito de comportamento antissocial, relatam que esse termo é empregado amplamente na literatura para fazer referência às características comportamentais de vários transtornos. Além disso, os autores encontraram artigos sobre o assunto que utilizam expressões como transtorno da conduta, hiperatividade, problemas de externalização e problemas de comportamento. Eles afirmam que o uso de diferentes termos para designar manifestações comportamentais relativamente semelhantes tem causado certa confusão. Assim, pode-se perceber que há divergência entre autores quanto à utilização de

denominações para se referir a manifestações comportamentais semelhantes. Dessa forma, torna-se mister também conhecer outros conceitos utilizados na literatura que se referem ao padrão comportamental antissocial.

Assim, o presente trabalho teve como objetivo realizar uma revisão de literatura acerca de estudos teóricos sobre comportamento antissocial em crianças, bem como sobre outros conceitos que se referem a manifestações comportamentais semelhantes, tais como: problemas de comportamento, problemas de exteriorização ou externalização, comportamento agressivo, dentre outros.

Método

Alguns critérios foram levados em consideração para a seleção dos artigos, sendo eles: 1) artigos publicados de forma completa; 2) em língua portuguesa, inglesa ou espanhola; 3) publicados a partir do ano de 2000; 4) nas bases de dados: *scielo, lilacs* e *pepsic*; 5) estudos teóricos de psicologia ou pertinentes à psicologia; 6) referentes à infância e/ou adolescência; 7) sendo excluídos: artigos médicos, com objetivo principal relacionado a outras temáticas (por exemplo: nascidos prematuros, enurese, deficiência mental, etc.) relacionados ao desenvolvimento e avaliação de instrumentos, bem como aqueles que se repetiram.

Os descritores utilizados na busca foram: *comportamento agressivo, comportamento anti-social, comportamento delinqüente, comportamento exteriorizado, comportamento externalizante, problemas de comportamento, problemas de externalização, problemas externalizantes* e *transtorno de conduta.*

Resultado e Discussão

Foram encontrados e analisados 27 artigos a partir características quanto à temática, metolodologia, resultados e conclusões encontrados. As temáticas abordadas neles se referem a: delinqüência juvenil (LARANJEIRA, 2007); problemas de comportamento exteriorizado e externalizante (SZELBRACIKOWSKI; DESSEN, 2007; D'ABREU; MARTURANO, 2010); bullying (LOPES NETO, 2005; LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009); comportamento agressivo (PESCE, 2009; BARROS; SILVA, 2006; MARTÍNEZ; FRANCO, 2008; GARBARINO, 2009); transtorno de personalidade antissocial (ALVARENGA; FLORES-MENDOZA; GONTIJO, 2009; MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006) comportamento antissocial (CÓRDOVA, 2008; PACHECO; ALVARENGA; REPPOLD; PICCININI; HUTZ, 2005; GARBARINO, 2009); problemas de comportamento (BOLSONI-SILVA; DEL PRETTE, 2003; MAIA; WILLIAMS, 2005; BOLSONI-SILVA;

MARTURANO, 2002; LIMA, 2006) transtorno desafiador de oposição (SERRA-PINHEIRO; SCHMITZ; MATTOS; SOUZA, 2004); transtorno de conduta (BENETTI; RAMIRES; SCHNEIDER; RODRIGUES; TREMARIN, 2007; BORDIN; OFFORD, 2000); relação entre a exposição à violência e problemas de saúde mental (RIBEIRO; ANDREOLI; FERRI; PRINCE; MARI, 2009; ASSIS; AVANCI; PESCE, 2009; DUARTE; BORDIN; GREEN; HOVEN, 2009); a relação entre depressão materna e o comportamento de crianças (MENDES; LOUREIRO; CRIPPA, 2008; LOOSLI; LOUREIRO, 2010); influência ambiental na saúde mental da criança (HALPERN; FIGUERAS, 2004).

Percebe-se que muitos dos trabalhos realizados utilizam conceitos distintos para tratar de eventos e comportamentos semelhantes. Isso ocorre, por exemplo, com os estudos que abordam o comportamento agressivo, comportamento antissocial, *bullying* e problemas de comportamento, pois em certa medida eles se referem, conforme Pacheco, Alvarenga, Reppold, Piccinini e Hutz (2005), ao caráter agressivo e desafiador de indivíduos com problemas comportamentais que tem seu funcionamento social prejudicado. Patterson, Reid e Dishion (1992) e Pesce (2009) afirmam que não há um consenso na literatura acerca da definição de tais padrões comportamentais, sendo que cada termo tem uma história associada com seu uso.

Quanto à metodologia dos estudos, observou-se que os artigos puderam ser agrupados em três conjuntos: revisão de literatura de algum tema específico, com a busca de artigos em bases de dados delimitadas (LARANJEIRA, 2007; LOPES NETO, 2005; PESCE, 2009; MARTÍNEZ; FRANCO, 2008; SERRA-PINHEIRO; SCHMITZ; MATTOS; SOUZA, 2004; BENETTI; RAMIRES; SCHNEIDER; RODRIGUES; TREMARIN, 2007; D'ABREU; MARTURANO, 2010; MENDES; LOUREIRO; CRIPPA, 2008; LOOSLI; LOUREIRO, 2010; HALPERN; FIGUERAS, 2004); estudos que trataram de descrever as características de comportamentos, transtornos, fatores ou eventos relacionados, a partir de uma determinada literatura (SZELBRACIKOWSKI; DESSEN, 2007; BARROS; SILVA, 2006; LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009; MORANA; STONE; ABDALLA-FILHO, 2006; BORDIN; OFFORD, 2000; RIBEIRO; ANDREOLI; FERRI; PRINCE; MARI, 2009; MAIA; WILLIAMS, 2005; MENDES; MARI; SINGER; BARROS; MELLO, 2009; BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002; ASSIS; AVANCI; PESCE, 2009; DUARTE; BORDIN; GREEN; HOVEN, 2009; LIMA, 2006); artigos referentes a análises conceituais e teóricas de determinado tema (ALVARENGA; FLORES-MENDOZA; GONTIJO, 2009; CÓRDOVA; 2008; PACHECO; ALVARENGA; REPPOLD; PICCININI; HUTZ, 2005; GARBARINO, 2009; BOLSONI-SILVA; DEL PRETTE, 2003). De forma geral, pode-se observar que as

metodologias dos estudos estão bem descritas e se apresentam consoantes com os objetivos propostos, sendo que se mostraram suficientes para as análises realizadas.

As análises dos resultados e conclusões desses estudos mostram alguns fatores de risco em que a criança é exposta e que se relacionam a determinados problemas de comportamento, sendo que a maioria deles faz menção a ambientes familiares adversos e/ou práticas parentais inadequadas e/ou violência doméstica (SZELBRACIKOWSKI; DESSEN, 2007; PESCE, 2009; BARROS; SILVA, 2006; PACHECO; ALVARENGA; REPPOLD; PICCININI; HUTZ, 2005; GARBARINO, 2009; BORDIN; OFFORD, 2000; SERRA-PINHEIRO; SCHMITZ; MATTOS; SOUZA, 2004; RIBEIRO; ANDREOLI; FERRI; PRINCE; MARI, 2009; MAIA; WILLIAMS, 2005; MENDES; MARI; SINGER; BARROS; MELLO, 2009; D'ABREU; MARTURANO, 2010; MENDES; LOUREIRO; CRIPPA, 2008; BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002; LOOSLI; LOUREIRO, 2010; ASSIS; AVANCI; PESCE, 2009; DUARTE; BORDIN; GREEN; HOVEN, 2009; LIMA, 2006; HALPERN; FIGUERAS, 2004).

Corroborando ao que é demonstrado por esses estudos, Bolsoni-Silva e Marturano (2007) afirmam que as habilidades dos pais ao interagir e educar seus filhos podem promover na criança comportamentos socialmente habilidosos ou comportamentos indicativos de problema. São consideradas respostas socialmente habilidosas aquelas que produzem reforçadores sociais. Já as respostas indicativas de problemas de comportamento são aquelas que podem trazer punições e, conseqüentemente, prejudicar o desenvolvimento humano. Weber, Salvador e Brandenburg (2009) também apontam para a qualidade na interação familiar que pode propiciar o desenvolvimento de repertórios comportamentais caracterizados como adequados socialmente ou não, sendo que aspectos familiares positivos vêm sendo relacionados à melhor desempenho dos filhos em diversas áreas e o contrário tem sido encontrado para os aspectos familiares negativos.

Dois artigos (LOPES NETO, 2005; LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009) fizeram um panorama de questões e características relacionadas ao *bullying*. Lopes Neto (2005) aponta, em seu artigo, que o *bullying* pode ter conseqüências negativas imediatas e tardias para todos os envolvidos, direta ou indiretamente. Para Lisboa, Braga & Ebert (2009), o *bullying* pode se manifestar de diferentes formas, que são explicadas e detalhadas. Os fatores de risco são apresentados tanto como possíveis causas quanto como conseqüências desse fenômeno. Ambos os artigos apontam a prevenção como uma medida importante. Nesse sentido, Souza e Löhr (2007) descrevem alguns trabalhos sobre intervenções dirigidas para o combate ao *bullying*, apontando a necessidade de desenvolvimento de repertório em habilidades sociais e

as autoras também propõem que as ações não fiquem restritas ao contexto escolar, mas que a família também seja envolvida.

Dois artigos (MENDES; LOUREIRO; CRIPPA, 2008; LOOSLI; LOUREIRO, 2010.) abordaram a relação entre depressão materna e problemas de comportamento em crianças. Ambos os estudos encontraram que a depressão materna apresenta um impacto negativo para as crianças em idade escolar, podendo repercutir sobre problemas comportamentais e sintomas depressivos, dentre outros. Os autores consideram relevante maior atenção às crianças que convivem com tal condição, sendo que Loosli & Loureiro (2010) sugerem a necessidade da utilização de estratégias de intervenção diferenciadas para meninos e meninas.

Sabe-se que a instalação e manutenção de grande parte do repertório infantil depende do padrão de interação que os pais (ou cuidadores) estabelecem com seus filhos. Segundo Wahler (1976), pais e filhos se influenciam reciprocamente em uma relação de interdependência entre os comportamentos envolvidos. Dessa forma, uma mãe que apresenta um quadro de depressão provavelmente vai ter a interação com seu filho prejudicada, pois poderá ficar mais sob controle do seu estado emocional do que do comportamento da criança ao administrar atenção diferencial, reforçadores e punidores. Os estudos acima demonstram a repercussão disso sobre problemas de comportamento em crianças. Daí a necessidade, também apontada, da intervenção tanto para essas mães quanto para seus filhos.

Três artigos (RIBEIRO; ANDREOLI; FERRI; PRINCE; MARI, 2009; ASSIS; AVANCI; PESCE, 2009; DUARTE; BORDIN; GREEN; HOVEN, 2009) abordaram especificamente a relação entre a exposição à violência e problemas de comportamento. Ribeiro, Andreoli, Ferri, Prince e Mari (2009) encontraram que, em crianças, a maior associação encontrada foi entre violência doméstica e problemas de externalização, e entre ideação suicida e abuso sexual. Assis, Avanci e Pesce (2009) verificaram que a discussão dos temas “violência e problemas de saúde mental em crianças e adolescentes” vem ocorrendo de forma fragmentada e pouco consistente, sinalizando que é escassa a rede de atendimento, assim como a preocupação com a prevenção do transtorno mental e com a promoção da saúde mental. Duarte, Bordin, Green e Hoven (2009) encontraram que a avaliação de exposição à violência em crianças pode dizer respeito a um evento específico (como sequestro) ou um contexto específico (como guerra) ou mesmo um determinado tipo de exposição (como violência física intrafamiliar). De forma geral, esses três estudos apontam para a relação entre o ambiente em que a criança está inserida e seu comportamento.

Os demais resultados e conclusões, que não foram agrupados anteriormente por serem diferentes dos temas abordados, são: a necessidade de intervenção profilática primária para o

comportamento delinquente, partindo do reconhecimento de fatores de risco que tornam determinados grupos vulneráveis (LARANJEIRA, 2007); o papel da cultura no desenvolvimento de problemas de comportamento exteriorizado e a necessidade de investigar este tipo de problema sob a perspectiva do desenvolvimento humano (SZELBRACIKOWSKI; DESSEN, 2007); os aspectos do temperamento aliados às diversas influências ambientais que parecem favorecer o entendimento básico do desenvolvimento sócio-emocional (BARROS; SILVA, 2006); a evidência de correlatos hormonais, genéticos e neurofuncionais de transtorno desafiador de oposição, a conexão com a família, as relações e desempenho escolares, a associação com transtornos do humor, ansiosos e disruptivos, o risco de evolução para transtorno de conduta e de persistência de sintomas de transtorno desafiador de oposição (SERRA-PINHEIRO; SCHMITZ; MATTOS; SOUZA, 2004); a descrição de alguns fatores de risco relacionados à família, à criança, comportamentos de risco emitidos por adolescentes e o papel da comunidade (MAIA; WILLIAMS, 2005); a interação entre fatores biológicos e ambientais que pode ser catalisada por um ambiente hostil aumentando os riscos para o desenvolvimento de comportamentos agressivos (MENDES; MARI; SINGER; BARROS; MELLO, 2009); os fatores mais fortemente associados com a saúde mental da criança são o ambiente social e psicológico, influenciando mais do que as características intrínsecas do indivíduo, sendo que o efeito cumulativo de risco é mais importante na determinação de problemas emocionais da criança do que a presença de um estressor único, independente de sua magnitude (HALPERN; FIGUERAS, 2004).

De formal geral, esses artigos relatam acerca de fatores que influenciam os problemas de comportamento em crianças, apontando e discutindo a influência de fatores biológicos e/ou ambientais, nas mais diversas dimensões. Dentro da perspectiva da análise do comportamento, considera-se que, para uma compreensão mais completa do comportamento infantil, é necessário analisar todo o sistema de interações em que a criança está inserida. O modelo denominado “seleção por conseqüências”, proposto por Skinner (1981) auxilia nessa compreensão pelo fato de que propõem que todo comportamento deve ser analisado a partir dos princípios de reprodução, variação e seleção, sendo que esses mesmos princípios podem ser empregados para comportamentos relacionados à: filogênese (selecionados ao longo da evolução da espécie); ontogênese (história de aprendizagem individual); e cultura (práticas determinadas pela vida em sociedade). A partir disso, entende-se que o repertório comportamental que a criança apresenta é em parte biológico e em parte aprendido, a partir de sua história individual e da cultura em que se insere. Também, segundo Weber (2008), considera-se que um grande número de fatores age simultaneamente (por exemplo, biológico,

genético, ambiental, social), que múltiplas interações se influenciam mutuamente (fontes bidirecionais ou multidirecionais) e que o desenvolvimento não é linear. Assim, observa-se a importância da análise de todo o contexto em que a criança e o adolescente estão inseridos, além dos fatores apontados nas pesquisas, para uma melhor compreensão dos problemas de comportamento.

Considerações Finais

A partir do exposto, pode-se concluir que a temática que envolve comportamentos referentes à antissocial, agressivo, externalizante, ou qualquer outro termo referente, vem sendo bastante explorada na literatura, mesmo com a utilização de diversos conceitos e a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Os resultados apontam para a relação entre alguns fatores, que podem ser considerados de risco, e o comportamento de crianças e adolescentes. Em concordância com a conclusão de grande parte dos trabalhos, aponta-se para a necessidade de propostas de prevenção de tais problemáticas, embasadas no conhecimento das variáveis relacionadas, como as demonstradas em tais pesquisas, o que poderá possibilitar o pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Referências Bibliográficas

ALVARENGA, M. A. S.; FLORES-MENDOZA, C. E.; GONTIJO, D. F. Evolução do DSM quanto ao critério categorial de diagnóstico para o distúrbio da personalidade anti-social. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 58(4), 258-266, 2009.

ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q.; PESCE, R. P.; XIMENES, L. F. Situação de crianças e adolescentes brasileiros em relação à saúde mental e à violência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 14(2), 349-361, 2009.

BARROS, P.; SILVA, F. B. N. Origem e manutenção do comportamento agressivo na infância e adolescência. *Revista Brasileira de Terapia Cognitiva*, 2(1), 2006.

BENETTI, S. P. C.; RAMIRES, V. R. R.; SCHNEIDER, A. C.; RODRIGUES, A. P. G.; TREMARIN, D. Adolescência e saúde mental: revisão de artigos brasileiros publicados em periódicos nacionais. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(6),1273-1282, 2007

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. A. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 227-235, 2002.

BOLSONI-SILVA, A. T.; DEL PRETTE, A. Problemas de comportamento: um panorama da área. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(2), 91-103, 2003.

BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. A qualidade da interação positiva e da consistência parental na sua relação com problemas de comportamentos de pré-escolares. *Revista interamericana de psicologia*, 41(3), 349-358, 2007.

BORDIN, I. A. S.; OFFORD, D. R. Transtorno da conduta e comportamento anti-social. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22, 2000.

CÓRDOVA, H. M. Factores Asociados y Trayectorias del Desarrollo del Comportamiento Antisocial durante la Adolescencia: Implicancias para la Prevención de La Violencia Juvenil

en América Latina. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 42(1), 129-142, 2008.
D'ABREU, L. C. F.; MARTURANO, E. M. Associação entre comportamentos externalizantes e baixo desempenho escolar: uma revisão de estudos prospectivos e longitudinais. *Estudos de Psicologia*, 15(1), 43-51, 2010.
DEL PRETTE, Z. A. P; DEL PRETTE, A. Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática, 4ªed. Petrópolis: Vozes, 2009.
DUARTE, C. S.; BORDIN, I. A. S.; GREEN, G. R.; HOVEN. C. W. Measuring child exposure to violence and mental health reactions in epidemiological studies: challenges and current issues. *Ciência e Saúde Coletiva*, 14(2), 487-496, 2009.
EISENBRAUN, K. D. Violence in schools: Prevalence, prediction, and prevention. *Aggression and Violent* Behavior 12, 459–469, 2007.
GARBARINO, J. Why are adolescents violent? *Ciência e Saúde Coletiva*, 14(2), 533-538, 2009.
HALPERN, R.; FIGUERAS, A. C. M. Influências ambientais na saúde mental. *Jornal de Pediatria*, 80(2), 2004.
LARANJEIRA, C. A. A análise psicossocial do jovem delinqüente: uma revisão da literatura. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 221-227, 2007
LIMA, A. L. G. A criança-problema e o governo da família. *Estilos da Clínica*, 11(21), 126-149, 2006.
LISBOA, C.; BRAGA, L. L.; EBERT, G. O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, 2(1), 59-71, 2009.
LOOSLI, L.; LOUREIRO, S. R. Associação entre depressão materna e diferenças de gênero no comportamento de crianças: uma revisão sistemática. Revista de Psiquiatria, 32(3), 94-101, 2010.
LOPES NETO, A. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81, S164-S172, 2005.
MAIA, J. M. D.; WILLIAMS, L. C. A. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. Temas em Psicologia, 13(2), 91 – 103, 2005.
MARTÍNEZ, J. W.; FRANCO, A. D. El comportamiento agresivo y algunas características a modificar en los niños y niñas. *Investigaciones Andina*, 10(16), 2008.
MENDES, A. V.; LOUREIRO, S. R.; CRIPPA, J. A. S. Depressão materna e a saúde mental de escolares. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 35(5), 178-86, 2008
MENDES, D. D.; MARI, J. J.; SINGER, M.; BARROS, G. M.; MELLO, A. F. Estudo de revisão dos fatores biológicos, sociais e ambientais associados com o comportamento agressivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 31, S77-85, 2009.
MORANA, H. C. P.; STONE, M. H.; ABDALLA-FILHO, E. Personality disorders, psychopathy, and serial killers. Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28, S74-9, 2006.
PACHECO, J.; ALVARENGA, P.; REPPOLD, C., PICCININI C. A.; HUTZ, C. S. Estabilidade do Comportamento Anti-social na Transição da Infância para a Adolescência: Uma Perspectiva Desenvolvimentista. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2005, 18(1), pp.55-61
PATTERSON, G.; REID, J.; DISHION, T. *Antisocial boys.* Eugene: Castalia, 1992.
PESCE, R. Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura. *Ciência e Saúde Coletiva*, 14(2), 507-518, 2009.
RIBEIRO, W. S.; ANDREOLI, S. B.; FERRI, C. P.; PRINCE, M.; MARI, J. J. Exposição à violência e problemas de saúde mental em países em desenvolvimento: uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 31, S49-57, 2009.

SERRA-PINHEIRO, M. A.; SCHMITZ, M.; MATTOS, P.; SOUZA, I. Transtorno desafiador de oposição: uma revisão de correlatos neurobiológicos e ambientais, comorbidades, tratamento e prognóstico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(4), 273-276, 2004.

SILVARES, E. F. M. Ludoterapia cognitivo-comportamental com crianças agressivas. In: Guilhardi, H. J.; Madi, M. B. B. P.; Piazzon, P.; Scoz, M. C. (Orgs.) Sobre Comportamento e Cognição, v. 7, Santo Andre: Esetec, 2001.

SKINNER, B. F. Selection by Consequences. *Science: 4507*(213), 1981.

SOUZA, G. C. B.; LÖHR, S. C. (2007). Reflexões sobre bullying: contribuições da análise do comportamento à educação. In: DINIS, A. F.; BERTUCCI, L. M. (Orgs.) *Múltiplas faces do educar: processos de aprendizagem, educação e saúde, formação docente*. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

SZELBRACIKOWSKI, A. C.; DESSEN. M. A. Problemas de comportamento exteriorizado e as relações familiares: revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 33-40, 2007.

TERZIAN, M. A.; FRASER, M. W. Preventing aggressive behavior and drug use in elementary school: Six family-oriented programs. *Aggression and Violent Behavior* 10, 407–435, 2005.

WAHLER, R. G. Comportamento desviante de crianças dentro da situação familiar: especulações sobre o desenvolvimento e estratégias de mudanças comportamentais. In: H. LEINTBERG (Org) *Handbook of Behavior Modification and Behavior Theory.* New Jersey: Prentice Hall: 516-543, 1976.

WEBER, L. N. D. Interações entre família e desenvolvimento. In: WEBER, L. N. D. (Org.) *Família e desenvolvimento: visões interdisciplinares*. Curitiba, Juruá, 2008.

WEBER, L. N. D.; SALVADOR, A. P. V.; BRANDENBURG, O. J. Escalas de qualidade na interação familiar. In: WEBER, L. N. D.; DESSEN, M. A. (Orgs.) *Pesquisando a família: instrumentos para a coleta e análise de dados* (pp.57-68). Curitiba: Juruá, 2009.